

Frederico Duarte Carvalho

O Terceiro Bispo

Ao meu pai, José Amadeu, e à minha mãe, Maria de Fátima,
que nasceu a 13 de Maio.

À minha avó Alda, que faria 100 anos em 2013.

Ao meu avô Cavacas e à minha avó Idalina,
que me levaram a Fátima pela primeira vez.

Ao meu tio-avô, Boaventura, discípulo do escultor José Thedim,
que fez restauros na imagem de Nossa Senhora de Fátima.

Ao Álvaro

À Ana

Esta obra nasce como ficção, porque foi assim que a quiseram.

«O novo papa poderá ser um argentino
de ascendência italiana.»

Diário de Lisboa, 7 de Agosto de 1978

«Irmãos e irmãs, boa noite. Vocês sabem
que o dever de um conclave é dar um bispo
a Roma. Parece que os meus irmãos cardeais
foram buscar-me quase ao fim do mundo.
Mas aqui estamos. Agradeço a vossa
hospitalidade. A comunidade diocesana
de Roma já tem o seu bispo.»

Papa Francisco, o primeiro papa argentino
de ascendência italiana, Vaticano,
13 de Março de 2013

Prólogo

Vaticano, 3 de Novembro de 2012,
depois do pôr do Sol

Estão três homens numa sala.

O mais velho está sentado a uma secretária, pensativo. O mais novo encontra-se de pé, com vários papéis na mão, e olha para o mais velho. Um terceiro homem está numa cadeira em frente à secretária, de lado para o mais velho, com a face virada na direcção do mais novo. Este pega num dos papéis e lê:

Na perseguição final à sagrada Igreja Romana reinará Pedro Romano, que alimentará o seu rebanho entre muitas turbulências, sendo que, então, a cidade das sete colinas será destruída e o formidável juiz julgará o seu povo.

O mais velho faz sinal com a mão para que o mais novo dos três homens pare de ler. O mais velho tem as vestes completamente brancas. Branco é também todo o seu cabelo. Continua pensativo e com o olhar distante. A sala fica silenciosa durante breves instantes, até que o terceiro homem interrompe e, de forma pausada, diz:

– Não é forçoso que a cidade das sete colinas seja Roma...

O mais velho levanta a cabeça, devagar, e olha para o terceiro homem. O mais novo segura os papéis e não exprime qualquer emoção. O terceiro homem percebe que pode continuar a falar.

Deve concluir.

– Há um número quase infinito de cidades que se dizem construídas sobre sete colinas... Nos Estados Unidos da América, por exemplo, existe a cidade de Roma, no estado da Geórgia. Tem esse nome por estar junto a sete colinas e haver um rio que passa por entre elas...

– Mas, Eminência, já vimos que a fundação dessa cidade data de 1835. Isso é quase 700 anos depois de S. Malaquias ter escrito a profecia do último papa – interrompe o mais novo.

– Isso também foi discutido várias vezes, monsenhor. – Continua o terceiro homem. – Apesar de o texto ter sido escrito numa altura em que pouco se conhecia sobre o Novo Mundo e futuras cidades com sete colinas, isso não significa que a profecia dissesse respeito apenas às cidades existentes no século XII. Dizer, de forma peremptória, que a cidade das sete colinas da profecia de S. Malaquias só poderá ser Roma é reduzir todo o alcance das suas palavras. Se ele quisesse nomear Roma, teria usado o nome. Estou convencido de que pode ser outra cidade. Uma cidade igualmente importante como Roma. Uma outra grande cidade erguida em sete colinas. Uma outra capital.

– Atenas, Moscovo? Também foram erguidas em sete colinas. E estas até já existiam no século XII – diz o mais novo.

– Atenas não. É uma capital, sim, mas a religião oficial não é a católica. Nem Moscovo. Tem de ser católica, como Roma.

– Então em que pensa? – interroga o mais novo, sempre com os papéis na mão.

– Penso no único nome que faz todo o sentido...

O mais velho inclina-se para a frente e coloca os cotovelos na secretária, junta as mãos, apoia a testa sobre elas e sussurra uma prece em latim.

O mais novo olha com reverência para o gesto do mais velho. E o terceiro homem diz com um ar pesado:

– Lisboa. É a cidade das sete colinas.

– Portugal? O Terceiro Segredo? – pergunta o mais novo.

– Sim. É essa vontade de Deus – responde o terceiro homem.

O mais velho termina a prece em latim:

– ... *a cunctis nos defende periculus.*

Protegei-nos contra todos os perigos.

Parte I

ITE

Um capitalismo selvagem tem ensinado a lógica do lucro a qualquer custo, do dar para obter, da exploração sem considerar as pessoas... e podemos ver os resultados na crise que estamos a viver!

PAPA FRANCISCO, na visita à casa «Dom de Maria»,
Vaticano, 21 de Maio de 2013



Capítulo 1

Praça do Comércio, Lisboa
Quarta-feira, 8 de Maio de 2013
56 dias após a eleição do papa Francisco
Pouco antes do nascer do Sol

Os portugueses continuam a chamar-lhe Terreiro do Paço, enquanto os ingleses conhecem o local como Praça do Cavallo Preto. O espaço é amplo e respira história. Em tempos, existiu ali um Paço Real, mas após o terramoto que destruiu Lisboa em 1755, o marquês de Pombal, então chefe do governo do rei D. José I, chefiou a reconstrução da capital e o antigo Terreiro do Paço deu lugar a uma imponente praça aberta a sul, em direcção ao rio Tejo. A cor dos edifícios reflecte hoje a luz solar graças ao amarelo, forte e vivo. Uma escolha cromática feliz que substituiu o verde pesado do tempo da ditadura que vigorou entre 1933 e 1974. Os eléctricos típicos de Lisboa que desfilam em frente ao Arco da Rua Augusta ostentam, orgulhosos, essa cor de sol.

Enquadradas com a face da estátua do rei, e plantadas no fim de uma escadaria de mármore, estão duas colunas. Aqueles mais dados às leituras dos símbolos vislumbram aqui uma referência às duas colunas maçónicas na entrada do Templo de Salomão. Durante anos, esta foi a porta de entrada na cidade de Lisboa. O Cais das Colunas é ponto de visita obrigatório dos turistas e habitantes locais. Tiram fotografias com o enquadramento geométrico das colunas e jogam com a luz do pôr do Sol. A paisagem para o outro lado do rio é rude mas majestosa, com as gruas dos estaleiros navais da Lisnave. Em direcção ao mar, vislumbra-se a estátua do Cristo Rei, do outro lado do rio, em Almada. Estendendo-se na base do monumento ao filho de Deus, está a ponte que une as duas

margens do Tejo. Inaugurada em 1966, recebeu então o nome de Ponte Salazar, em homenagem ao ditador que, em 1933, criou o Estado Novo. O que poucos portugueses saberão é que o nome do velho ditador ainda hoje está escrito na Praça do Comércio. As duas colunas do cais, com que turistas e habitantes locais se fazem fotografar, ostentam na base os nomes de Salazar e do antigo presidente da República do Estado Novo Óscar Carmona. Estes nomes só são visíveis através de um olhar mais atento. Estão sujados pelas manchas escuras do lodo verde que se cola à base das colunas. Um segundo olhar mais atento permite ainda notar que as colunas não são completamente lisas, pois existem inscrições gravadas na pedra. Datam do final do ano de 1939, quando o mundo assistia ao início da Segunda Guerra Mundial. As inscrições reproduzem excertos de discursos oficiais de Salazar e Carmona referentes à unidade do Império Português. Foram registadas na pedra das colunas para lembrar as visitas de Carmona às colónias portuguesas, em 1938 e 1939, pouco antes do início da Segunda Guerra Mundial, a primeira visita que um chefe de Estado português tinha até então feito a todos os territórios portugueses ultramarinos. As inscrições nunca foram apagadas da pedra após a revolução que acabou com o regime do Estado Novo, no entanto também não surgem registadas nos guias turísticos e raramente alguém repara nelas quando ali vai em visita.

Ou apenas para namorar.

Como o homem que, na manhã de quarta-feira, 8 de Maio de 2013, chegou à praça junto ao rio onde ela estava à sua espera. E beijaram-se. Não é necessário nomes para identificar dois namorados de Lisboa que escolheram o Cais das Colunas para verem o Sol nascer. Ele acabou mais um turno como segurança num dos bancos situados ali perto, enquanto ela se prepara para ir para o centro comercial, onde iniciará mais um dia de trabalho. Encontram-se ali, a meio caminho das suas vidas. São jovens e com sonhos. A única importância que estes dois namorados têm para esta história é o facto de terem sido eles que, quando os primeiros raios do Sol começaram a entrar pelo antigo Terreiro do Paço, através do Cais das Colunas, encontraram o corpo, amarrado pelo pescoço à coluna do lado nascente. Aquela em cuja base está inscrito o nome do ditador Salazar.

Capítulo 2

Foi ela quem notou primeiro que havia algo de estranho na base da coluna. Ao início, pareceu-lhe um saco escuro, que ondulava na água. Mas foi ele quem reparou que poderia ser um corpo sem vida. O chão era escorregadio e ele aproximou-se apenas o suficiente para confirmar a suspeita. Assim que percebeu que tinha razão e que não havia nada a fazer pela alma daquele ser humano, tomou uma decisão rápida. Antes que a namorada atrasasse a vida em testemunhos e depoimentos inúteis que, inevitavelmente, teria de prestar à polícia, o namorado ordenou-lhe que fosse apanhar o metro e seguisse normalmente para o trabalho. Ele não telefonou para o 112 – optou por deslocar-se à esquadra de polícia que ficava ali perto, na Rua do Arsenal. Entrou e identificou-se perante o agente de serviço e informou que vira um corpo aparentemente sem vida amarrado pelo pescoço à base de uma das colunas do cais. Os guardas tomaram conta do caso e, com uma rapidez inédita, o corpo foi retirado por uma brigada de emergência médica que contou com a ajuda dos bombeiros. Foi usado um pequeno bote para facilitar o trabalho a partir do rio e evitar quedas devido ao piso escorregadio e perigoso.

Quando os primeiros turistas começaram a chegar ao local, já não havia vestígios do que ali se passara. E assim, o resto do dia permitiu mais fotografias no Cais das Colunas, que depois figurariam nos álbuns de recordações, nas redes sociais e nos *e-mails* enviados a familiares e amigos.

Os jornalistas nem chegaram a saber que nessa manhã tinha sido encontrado um corpo amarrado pelo pescoço na coluna com o nome de Salazar. O cadáver foi enviado para o Instituto de Medicina Legal, onde foi feita uma autópsia. A identificação não representou qualquer problema, pois havia documentos na roupa. Um cartão plastificado de uma instituição de apoio social. Era um documento que lhe dava direito a comer. Através de um telefonema para uma assistente social que foi reconhecer o corpo descobriu-se que o morto era Carlos Leal, 64 anos, antigo combatente da guerra colonial, que sofria de perturbações mentais e há muito vivia como sem-abrigo em Lisboa. Não se lhe conheciam actos violentos e a sua vida era essencialmente marcada pela apatia. Uma apatia do mundo em relação a si, devolvida por Carlos Leal na apatia que tinha em relação ao resto do mundo. O ditador Salazar enviara-o para a guerra em África no auge da juventude. Aí perdeu o juízo. E, agora, o mesmo Salazar, em forma de coluna, numa manhã de Maio, selara-lhe o destino pelo pescoço. A autópsia revelou que Carlos Leal tinha água nos pulmões e concluiu-se por isso que ainda estava vivo quando o seu pescoço foi amarrado à coluna com o nome de Salazar. Para poupar o registo de suicídio, a causa da morte ficou apenas com a indicação de ter sido um triste e lamentável acidente que terminou em afogamento.

Capítulo 3

O segundo corpo apareceu na manhã do dia seguinte junto à estátua de Santo António no Largo de Santo António da Sé.

Quem sobe para a Sé Catedral de Lisboa encontra, mesmo antes desta, uma igreja à sua esquerda. É a Igreja de Santo António, aquele que morreu em Pádua, Itália, a 13 de Junho de 1231. Apesar de ser conhecido como Santo António de Pádua, foi em Lisboa que aquele frade franciscano nasceu, a 15 de Agosto de 1191. Não é o santo padroeiro da capital de Portugal, uma vez que esse lugar está reservado a S. Vicente, cujo corpo apareceu um dia numa barca no rio Tejo, acompanhado por dois corvos, e que é o símbolo da cidade. No entanto, a devoção dos lisboetas a Santo António faz dele o preferido para diversas causas. É o defensor dos oprimidos e pobres, casais e mulheres grávidas, pessoas que procuram coisas simples como objectos perdidos ou algo mais complicado como um companheiro ou companheira para toda a vida. É o santo casamenteiro e, para o homenagear, a Câmara Municipal de Lisboa apoia a tradição de organizar casamentos colectivos durante os festejos de Junho em sua honra. Em frente à igreja, uma estátua em ferro representa o santo com o Menino Jesus ao colo, amparado na Bíblia aberta e com Lisboa aos seus pés. Da autoria de Domingos Soares Branco, foi inaugurada durante a primeira visita a Portugal do papa João Paulo II, a 12 de Maio de 1982.

Não foi para pedir que encontrasse um objecto perdido que Maria da Conceição foi colocar uma velinha na estátua de Santo António. Quando

era jovem, a mãe levou-a um dia à igreja e pediu que a filha encontrasse um rapaz honesto e trabalhador. E também respeitador, que fosse bom chefe de família. Passados uns meses, Maria da Conceição casou com Júlio Ribeiro. Ainda hoje, ela com 69 anos e ele com 72, são um casal feliz. Têm três filhos e cinco netos. Por isso é que, cada vez que pode, Maria da Conceição vai colocar uma velinha ao seu Santo António. Como vive perto e gosta de acordar bem cedo, é das primeiras pessoas a passar por ali. Foi por isso que acabou por ser ela a dar o grito de horror quando encontrou o segundo corpo junto à base da estátua, na manhã de quinta-feira, 9 de Maio de 2013. Os gritos chamaram a atenção de alguns transeuntes, que rapidamente telefonaram para o 112. A polícia fez um pequeno cordão de segurança e, ainda antes da hora de ponta, altura em que os turistas começaram a chegar apinhados nos eléctricos, já o cadáver tinha sido levado para o Instituto de Medicina Legal. A autópsia concluiu que o morto, identificado como Damião Garcia, 53 anos, antigo carpinteiro de profissão, abandonado pela família e que lidava com graves problemas de alcoolismo, morrera devido a uma contusão na cabeça.

Foi declarada morte acidental provocada por uma queda.

Capítulo 4

E, ao terceiro dia, um terceiro corpo.

Desta vez em frente à Igreja de S. Julião, onde terá sido baptizado Pedro Julião, também conhecido como Pedro Hispano, o único papa português, e que teve o nome de João XXI.

Foi um papa de curta duração. Esteve apenas oito meses à frente dos destinos da Igreja, entre 20 de Setembro de 1276 e 20 de Maio de 1277. Ainda assim tempo suficiente para que o poeta Dante Alighieri, na sua obra *A Divina Comédia*, colocasse a alma deste papa entre aqueles dignos de figurar no Paraíso. A Igreja de S. Julião está situada ao lado da Câmara de Lisboa e foi uma das que ficou destruída pelo Terramoto de 1755. Seria reconstruída entre 1802 e 1810 e, em 1933, a proprietária, a Arquiconfraria do Santíssimo Sacramento, vendeu-a ao Banco de Portugal, que já era dono de vários edifícios da chamada zona da Baixa Pombalina. Durante anos, a Igreja de S. Julião serviu de garagem ao Banco de Portugal, mas, após obras de requalificação, o antigo espaço religioso deu lugar ao Museu do Dinheiro. Estranhas voltas da vida: onde antes se adorava o Deus imaterial vai agora admirar-se o deus material.

Não era certamente nestas ironias que pensava Paulo Costa, 32 anos, segurança do banco, quando parou o carro em frente à porta principal do Museu do Dinheiro. O Sol ainda não tinha nascido, mas já dava sinais tímidos. O segurança viu um sem-abrigo a dormir à porta do museu e preparava-se para o acordar e limpar a entrada da presença de uma

imagem pouco consistente com a ideia de dinheiro, quando se apercebeu de que o homem estava morto. Pela segunda vez em dois dias, a esquadra da polícia da Praça do Comércio teve de registar a morte de um sem-abrigo ali perto. Enviado para o Instituto de Medicina Legal, foi declarada na sexta-feira, 10 de Maio de 2013, a morte natural, por falha cardíaca, de Augusto Lavradio, 67 anos, antigo empregado de balcão da Baixa que vivia da caridade alheia desde que o negócio fechara e fora despedido. Sem muitas posses, recolhia papel e vivia como pedinte.

Não deixou família.

Não houve notícia da sua morte nos jornais.